



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 3



Atena
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-281-4

DOI 10.22533/at.ed.814192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Aproximar as diferentes áreas do saber com a finalidade de propor reflexões e contribuir com a formação dos sujeitos significa potencializar as habilidades que cada um traz consigo e, ao mesmo tempo, valorizar os múltiplos saberes, correlacionando com as questões que necessitam ser reestruturadas.

Neste terceiro volume da coletânea, os propósitos comunicativos e de divulgação científica dos conhecimentos produzidos no campo das Letras, Linguística e das Artes são cumpridos por aproximar e apresentar aos leitores vinte e nove reflexões que, certamente, problematizarão as questões de trabalho com as ciências da linguagem e da atuação humana.

O autor do primeiro capítulo problematiza o processo de letramento dos sujeitos com deficiência visual, destacando a relevância do trabalho de revisão textual em Braille e da atuação do profissional Revisor de textos em Braille, ampliando as questões referentes à inclusão e às políticas de acessibilidade. No segundo capítulo, os autores abordam as dificuldades referentes à leitura e produção textual nas turmas de 6º e 8º anos do Ensino Fundamental, de uma instituição da Rede Pública. No terceiro capítulo é apresentado um relato do processo de redução orquestral para piano da Fantasia Brasileira de Radamés Gnattali, composta em 1936.

No quarto capítulo são apresentadas as observações na recepção do leitor/receptor com a poesia, na leitura de poemas escritos e multimodais e como a sonoridade interfere na interpretação dos poemas e a proximidade do leitor com tal tipologia. No quinto capítulo, o autor propõe como reflexão o ensino e a aprendizagem de língua inglesa no Brasil, considerando os fatores socioculturais e linguísticos. No sexto capítulo é tematizado o sentido da arte para o público que agiu como coautor de uma instalação artística realizada no espaço expositivo de uma instituição mineira.

No sétimo capítulo, o autor apresenta uma leitura das metáforas metalinguísticas do escritor Euclides da Cunha, nos livros *Os Sertões* e *Um paraíso perdido*. No oitavo capítulo, o autor revela as etapas de realização do I Salão Global da Primavera. No nono capítulo, a autora analisa como as animações do Studio Ghibli, sob comando dos diretores Miyazaki e Takahata como desenvolvimento do cinema japonês.

No décimo capítulo, os autores abordam sobre o processo histórico de revitalização do Nheengatu ou Língua Geral Amazônica. O décimo primeiro capítulo tece sintéticas considerações no processo de reconhecimento e metodologias para o ensino de Arte. No décimo segundo capítulo são discutidas as abordagens sobre gênero e como tais questões estão presentes na obra *O Matador*, da escritora contemporânea Patrícia Melo.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a participação da mulher no processo histórico de consolidação do samba de raiz. No décimo quarto capítulo, o ensino de Literatura aos alunos com surdez simboliza o objeto de letramento dos sujeitos. No décimo quinto capítulo, a autora apresenta um estudo de caráter

documental, reunindo e expondo as informações referentes à poesia Sul-matogrossense, de Dora Ribeiro.

No décimo sexto capítulo, o autor faz uma leitura ampla do disco *Sobrevivendo no Inferno*, 1997, do Racionais MC's. No décimo sétimo capítulo, o autor aborda as noções de veracidade e verossimilhança em *No mundo de Aisha*. No décimo oitavo capítulo a discussão volta-se para a questão da mobilidade acadêmica internacional de estudantes brasileiros, como forma de produção do conhecimento além-fronteiras. No décimo nono capítulo há uma reflexão crítica a respeito dos discursos do sucesso na sociedade atual, tendo como instrumental teórico e metodológico a *Análise do Discurso* derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux.

No vigésimo capítulo, os autores expõem a cultura togolesa em relação aos aspectos econômico, social, educacional e ambiental. No vigésimo primeiro capítulo, os autores utilizam na discussão do trabalho a pesquisa autobiográfica proposta por Joseph Campbell. No vigésimo segundo capítulo, o autor traz à discussão a temática da luta contra a ditadura do teatro brasileiro, enfatizando a escrita e a atuação de Augusto Boal.

No vigésimo terceiro capítulo, a autora discute a valorização da identidade nacionalista em consonância com a crítica social presentes na produção poética santomense de autoria feminina. No vigésimo quarto capítulo, os autores disseminam reflexivamente alguns conceitos sobre a importância do solo no ambiente escolar como estratégia aproximada dos saberes e da promoção formativa de uma consciência pedológica. No vigésimo quinto capítulo, o Canto Coral é discutido como atividade integradora e socializadora para os participantes, promovendo, sobretudo, o aprendizado musical.

No vigésimo sexto capítulo, o autor problematiza a condução da dança de salão, além de enfatizar questões acerca da sexualidade, comunicação proxêmica e relações de poder com base em alguns conceitos discutidos no trabalho. No vigésimo sétimo capítulo são apresentados os resultados da pesquisa *A identidade regional e a responsabilidade social como ferramentas para agregar valor na Moda da Serra Gaúcha*. No vigésimo oitavo capítulo, o autor discute e apresenta as influências da Era Digital na produção e recepção literárias na narrativa transmídia. E no vigésimo nono e último capítulo, as autoras refletem sobre as experiências poéticas e discutem as noções estéticas das práticas artísticas humanitárias.

É nessa concepção que a compilação dos vinte e nove capítulos possibilitará a cada leitor e interlocutor desta coletânea compreender que o conhecimento estabelece conexões entre as diferentes áreas do conhecimento. Assim, a produção organizada do conhecimento na experiência dos interlocutores desta Coleção abre caminhos nas finalidades esperadas nas habilidades de leitura, escrita e reflexão.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O LETRAMENTO NA DEFICIÊNCIA VISUAL E AS QUESTÕES DE REVISÃO TEXTUAL EM BRAILLE	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8141924041	
CAPÍTULO 2	14
FÁBULAS, PROVÉRBIOS: TECITURAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
Jean Brito da Silva	
Lindalva José de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.8141924042	
CAPÍTULO 3	24
FANTASIA BRASILEIRA PARA PIANO E ORQUESTRA DE RADAMÉS GNATTALI: RELATO DO PROCESSO DE REDUÇÃO ORQUESTRAL	
Cláudia de Araújo Marques	
DOI 10.22533/at.ed.8141924043	
CAPÍTULO 4	34
FRUIÇÃO NA RECEPÇÃO POÉTICA E OS IMPACTOS DA SONORIDADE NESSE PROCESSO	
Lavínia dos Santos Prado	
Letícia Gottardi	
Wilker Ramos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.8141924044	
CAPÍTULO 5	49
INTERSECÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E LINGUÍSTICA NO APRENDIZADO DE INGLÊS: UM “INGLÊS BRASILEIRO”	
Victor Carreão	
DOI 10.22533/at.ed.8141924045	
CAPÍTULO 6	56
INSTALAÇÃO ARTÍSTICA E OS SENTIDOS PRODUZIDOS PELO PÚBLICO: O CORPO COMO LÓCUS DE POSICIONAMENTO POLÍTICO E ESTÉTICO	
Adriana Vaz	
Rossano Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8141924046	
CAPÍTULO 7	69
METÁFORAS METALINGUÍSTICAS DE EUCLIDES DA CUNHA	
Carlos Antônio Magalhães Guedelha	
DOI 10.22533/at.ed.8141924047	
CAPÍTULO 8	83
O I SALÃO GLOBAL DA PRIMAVERA – ARTES PLÁSTICAS: BRASÍLIA E ESTADO DE GOIÁS, 1973 - REALIZAÇÃO REDE GLOBO	
Aguinaldo Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.8141924048	

CAPÍTULO 9	97
O MODELO DE CINEMA DO STUDIO GHIBLI, QUE CONQUISTOU OS JAPONESES	
Luiza Pires Bastos	
DOI 10.22533/at.ed.8141924049	
CAPÍTULO 10	107
O NHEENGATU NO RIO TAPAJÓS: REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA E RESISTÊNCIA POLÍTICA	
Florêncio Almeida Vaz Filho	
Sâmela Ramos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240410	
CAPÍTULO 11	123
PROCESSOS INVESTIGATIVOS PARA COMPREENDER AS IMAGENS COMO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DA ARTE	
Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.81419240411	
CAPÍTULO 12	135
REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NAS PERSONAGENS CLEDIR E ÉRICA EM <i>O MATADOR</i> , DE PATRÍCIA MELO	
Naira Suzane Soares Almeida	
Algemira de Macedo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240412	
CAPÍTULO 13	146
SAMBA DE RAIZ: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DO TESTEMUNHO FEMININO	
Claudia Toldo	
Débora Facin	
DOI 10.22533/at.ed.81419240413	
CAPÍTULO 14	161
SILÊNCIOS E SILENCIADOS: O ENSINO DE LITERATURA E OS ALUNOS SURDOS	
Mirian Theyla Ribeiro Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.81419240414	
CAPÍTULO 15	175
DORA RIBEIRO: ESBOÇO DA VIDA E OBRA	
Ana Claudia Pinheiro Dias Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.81419240415	
CAPÍTULO 16	192
<i>SOBREVIVENDO NO INFERNO</i> : DE ONDE VEM O RACIONAIS?	
Rodrigo Estrella Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240416	
CAPÍTULO 17	205
VERACIDADE E VEROSSIMILHANÇA N'O <i>MUNDO DE AISHA</i>	
Antonio do Rego Barros Neto	
DOI 10.22533/at.ed.81419240417	

CAPÍTULO 18	222
UM OLHAR DIALÓGICO PARA A MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL DE ESTUDANTES BRASILEIROS	
Vilton Soares de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.81419240418	
CAPÍTULO 19	240
A FORÇA DAS PALAVRAS: OS SENTIDOS DO SUCESSO	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.81419240419	
CAPÍTULO 20	250
A CULTURA AFRICANA: CASO DA REPÚBLICA DO TOGO	
Omar Ouro-Salim	
José Eduardo Machado Barroso	
Marcela Cabral Mendes Barroso	
Fausto Teodoro Neves	
DOI 10.22533/at.ed.81419240420	
CAPÍTULO 21	262
A JORNADA DO HERÓI COMO MÉTODOLOGIA DE PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA	
Ítalo Franco Costa	
Cláudia Mariza Mattos Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.81419240421	
CAPÍTULO 22	272
A LUTA CONTRA A DITADURA DO TEATRO BRASILEIRO: AUGUSTO BOAL E A <i>PRIMEIRA FEIRA PAULISTA DE OPINIÃO</i>	
Daniele Severi	
DOI 10.22533/at.ed.81419240422	
CAPÍTULO 23	284
A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E A CRÍTICA SOCIAL PRESENTES NA PRODUÇÃO POÉTICA SANTOMENSE DE AUTORIA FEMININA	
Susane Martins Ribeiro Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240423	
CAPÍTULO 24	296
O TEATRO DE FANTOCHES COMO PRÁTICA SIGNIFICATIVA PARA CONTEXTUALIZAR O TEMA SOLO EM SALA DE AULA	
José Ray Martins Farias	
Josiele Carlos Fortunato	
Paulo Cesar Batista de Farias	
Ivson de Sousa Barbosa	
Francisco Laires Cavalcante	
Adriana de Fátima Meira Vital	
DOI 10.22533/at.ed.81419240424	

CAPÍTULO 25	307
CANTO CORAL COMO AGENTE DE INTERAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO	
Karen Zeferino	
Andréia Anhezini da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240425	
CAPÍTULO 26	312
DANÇA DE SALÃO E NOVOS CONCEITOS DE CONDUÇÃO: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA SEXUALIDADE, COMUNICAÇÃO PROXÊMICA E RELAÇÕES DE PODER	
Bruno Blois Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240426	
CAPÍTULO 27	325
TECENDO A IDENTIDADE PARA POTENCIALIZAR A SUSTENTABILIDADE DAS EMPRESAS LOCAIS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	
Mercedes Lusa Manfredini	
Bernardete Lenita Sisuin Venzon	
DOI 10.22533/at.ed.81419240427	
CAPÍTULO 28	334
“O MENINO QUE SOBREVIVEU”: O FENÔMENO <i>HARRY POTTER</i> NA ERA DIGITAL	
Fellip Agner Trindade Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.81419240428	
CAPÍTULO 29	342
CAMINHAR, UM MÉTODO POÉTICO (BRASÍLIA)	
Tatiana Vieira Terra	
Karina e Silva Dias	
DOI 10.22533/at.ed.81419240429	
CAPÍTULO 30	354
O CABRA E A QUESTÃO CULTURAL NAS METÁFORAS ANIMAIS	
Fernanda Carneiro Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.81419240430	
SOBRE O ORGANIZADOR	366

O CABRA E A QUESTÃO CULTURAL NAS METÁFORAS ANIMAIS

Fernanda Carneiro Cavalcanti

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
– Departamento de Estudos da Linguagem - Rio
de Janeiro – Rio de Janeiro

A primeira versão desse trabalho se encontra publicada na revista *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 41, n.70, p. 54-63, jan./jun. 201

RESUMO: A visão de uma mente corpórea a qual se filia a Teoria da Metáfora Conceptual encontra-se, sobretudo, baseada na ideia de uma mente como resultado da interação entre o programa sensório-motor humano e o meio físico e socioculturalmente situado. Contudo, ao pleitear a existência do que chama de paradoxo da metáfora, Gibbs (2008) identifica uma tensão entre os aspectos universais e variacionais das metáforas. Nessa perspectiva, este artigo busca discutir o papel dos conhecimentos e normas culturais na formação das metáforas animais, especialmente na conceptualização de homem em termos de cabra por parte dos membros da comunidade de Fortaleza - Ceará. Para tal fim, o artigo encontra-se organizado em quatro seções, afora a introdução. Discute-se, assim, nas três seções que se seguem à introdução: o modelo cultural da Grande Cadeia do Ser e sua relação com as metáforas animais com base em Kövecses (2010) e Lakoff e Turner (1989); a questão da universalidade nas Metáforas

Conceptuais a partir de Kövecses (2005, 2009); a variação cultural das metáforas com ênfase na metáfora animal cabra baseado em Kövecses (2009) e Rodriguez (2009); na quinta e última seção, são apresentadas as considerações finais. Ou seja, argumenta-se que tal metáfora tanto mapearia, em nível genérico, os domínios conceptuais ser humano e animal como os domínios homem e cabra motivados por normas culturais na formação das metáforas animais, especialmente na conceptualização de homem em termos de cabra por parte dos membros da comunidade fortalezense.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Metáfora Conceptual. Metáfora Animal. Cabra

ABSTRACT: The vision of an embodied mind which joins the Theory of Conceptual Metaphor is, above all, based on the idea of a mind which results from the interaction between the human sensory-motor program and the physical and social-cultural environment. However, claiming the existence of what he calls the paradox of metaphor, Gibbs (2008) identifies a tension between the universal and variational aspects of metaphors. From this perspective, this article discusses the role of knowledge and cultural norms in the constitution of animal metaphors, especially in the conceptualization of man in terms of cabra (goat) by members of the Fortaleza-Ceara community in northeastern

Brazil. For this purpose, the article is organized in four sections, apart from an introduction. In three sections, we discuss the cultural model of the Great Chain of Being and its relation to animal metaphors based on Kövecses (2010) and Lakoff and Turner (1989); the issue of universality in Conceptual Metaphors according to Kövecses (2005; 2009); cultural variation of metaphors with emphasis on the animal metaphor *cabra* (goat) based on Kövecses (2009) and Rodriguez (2009). In the fifth and last section final considerations are presented which point to the animal metaphor *cabra* (goat) of an example of Conceptual Metaphor both potentially universal since it maps in the generic level the conceptual domains human being and animal, as well as variational since the cross domain mappings of man and *cabra* (goat) are motivated by norms and shared cultural knowledge among the members of the Fortaleza-Ceara community.

KEYWORDS: Theory of Conceptual Metaphor. Animal Metaphor. *Cabra* (goat).

1 | INTRODUÇÃO

A visão de uma mente corpórea a qual se filia a Teoria da Metáfora Conceptual, doravante TMC, encontra-se, sobretudo, baseada na ideia de uma mente como resultado da interação entre o programa sensório-motor humano e o meio físico e socioculturalmente situado. Em conformidade com Gibbs (2010), as normas e os conhecimentos culturais desempenhariam papel relevante na constituição dessa mente corpórea, especialmente na constituição de recursos cognitivos como as Metáforas Conceptuais.

Por outro lado, ao pleitear a existência do que chama de paradoxo da metáfora, Gibbs (2008) identifica uma tensão entre os aspectos universais e variacionais das metáforas. Em outras palavras, para Gibbs (2008), de um lado, a metáfora seria sensibilidade culturalmente criativa e nova; e, de outro lado, ela estaria enraizada em padrões de experiências sensório-motoras comuns a todos os povos.

Kövecses (2010) pondera, igualmente, a respeito desse paradoxo. Ou seja, segundo esse autor, ainda que não se possa prever quais são as Metáforas Conceptuais de uma língua, seria pouco plausível esperar que as Metáforas Conceptuais contrariem o caráter universal das experiências corpóreas humanas. Nessa perspectiva, discutimos, nesse artigo, o papel dos conhecimentos e normas culturais na formação dos recursos cognitivos humanos, especialmente na conceptualização de homem em termos de *cabra*.

Para tal fim, organizamos este capítulo em quatro seções. Afora esta introdução, discutimos o modelo cultural da Grande Cadeia do Ser e sua relação com as metáforas animais, na segunda seção; tratamos da questão da universalidade nas Metáforas Conceptuais na terceira seção; abordamos a variação cultural das metáforas com ênfase na metáfora animal *cabra*, na quarta seção; na quinta e última seção, apresentamos nossas considerações finais.

2 | O MODELO CULTURAL A GRANDE CADEIA DO SER

Segundo Lakoff e Turner (1989), os Modelos Cognitivos Idealizados, doravante MCIs, seriam recursos cognitivos responsáveis pela organização dos conhecimentos humanos que, por sua vez, se constituiriam ao menos de duas maneiras diferentes: via nossas experiências diretas, isto é, por meio das estruturas pré-conceptuais (esquemas imagéticos e conceito de nível básico); e/ou via cultura. Ainda para tais autores, além de apresentarem conhecimento de caráter ordinário e não especializado de membros das sociedades humanas, os modelos culturais podem ser tratados na condição de MCIs, sobretudo quando se quer destacar sua natureza mental e sua diferença em relação a alguma representação científica. Os autores ressaltam ainda que a natureza idealizada dos MCIs se deve ao fato de que tais modelos não necessariamente se adéquam à realidade.

Em assim sendo, Lakoff e Turner (1989) ponderam que alguns MCIs são demasiado abstratos. Ou seja, para tais autores, se compreendemos pessoas, animais e objetos no mundo como tendo atributos, sendo alguns desses atributos considerados essenciais, é porque possuímos um MCI de caráter muito geral a respeito da natureza das coisas e de seu comportamento. O modelo cultural A Grande Cadeia do Ser seria um desses modelos, isto é, um modelo de larga escala, adquirido culturalmente. Com base em tal modelo, atribuiríamos sentido e imporíamos ordem ao universo e aos seres que nos circundam.

Ainda de acordo com os autores em questão, a versão básica desse modelo seria organizada a partir de cinco níveis hierárquicos nos quais o ser humano se encontraria no topo seguido dos animais, plantas, objetos complexos e coisas físicas. Dessa forma, nós nos pensaríamos como seres superiores aos animais; os animais como superiores às plantas; as plantas como superiores aos objetos complexos e estes às coisas físicas. Por outro lado, esses cinco níveis seriam organizados em subníveis compreendidos, por sua vez, como superiores e inferiores de tal forma que estimaríamos, no nível do animal, os cachorros como superiores aos insetos, por exemplo.

Nessa perspectiva, o cachorro seria por nós compreendido com base nas propriedades atribuídas ao inseto, além de propriedades essenciais como vida interior (i.e. desejos, emoções e habilidades cognitivas restritas). No caso dos seres humanos, nós nos compreenderíamos como seres dotados de propriedades dos seres que se encontram nos quatro níveis abaixo, além de propriedades como, capacidade estética, moral, racional, comunicacional, e de alto nível de consciência.

Lakoff e Turner (1989) avaliam ainda que, na condição de um modelo de caráter esquemático, usado de forma inconsciente por membros de boa parte das culturas humanas, o modelo básico da Grande Cadeia do Ser teria provocado junto às sociedades humanas, profundas consequências sociais e políticas. Isso porque sua organização não estaria apenas pautada em função dos atributos e comportamentos

dos seres no mundo. Mas, sobretudo, em função do caráter de superioridade atribuído a determinados seres em relação a outros e, conseqüentemente, em função da ideia de dominação de determinados seres sobre os demais.

Seria, portanto, por essa razão que acreditaríamos que, no mundo animal, leões, ursos e aves de rapina seriam seres que apresentariam atributos e comportamento superiores aos demais animais. Seria por igual razão que acreditaríamos que nas sociedades humanas: os nobres apresentariam atributos e comportamentos superiores aos camponeses assim como os homens em relação às mulheres; os adultos em relação a crianças; e os mestres em relação aos escravos. Em suma, tal modelo não indicaria apenas como o mundo é, mas, sobretudo como o mundo deve ser.

Lakoff e Turner (1989) abordam, igualmente, o caráter metafórico do modelo em questão. Grosso modo, os autores defendem que o modelo básico da Grande Cadeia do Ser estruturaria Metáforas Conceptuais por meio das quais pessoas seriam compreendidas em termos não humanos e vice-versa. Ou seja, como tal modelo estabeleceria domínios de conhecimentos relativos à organização dos seres no mundo, procedimentos metafóricos mapeariam os domínios humanos em termos de domínios não humanos e vice-versa. Nesse sentido, os autores apontam para o que consideram um dos mais elaborados domínios: o domínio do animal, a partir do qual nós compreenderíamos o não humano em termos do humano.

Assim, nós teríamos esquemas bem elaborados nos quais os animais se encontrariam caracterizados em termos de atributos humanos, a exemplo das seguintes caracterizações: porcos seriam sujos; leões, corajosos; raposas, espertas; cachorros, leais e dependentes; gatos, inconstantes e independentes; lobos, cruéis e assassinos; e gorilas, agressivos e violentos.

Por outro lado, os autores ponderam que os animais agem de forma instintiva e que a visão de esperteza, coragem, inconstância, lealdade, etc. seria, antes de tudo, humana. Assim, quando atribuímos tais características aos animais, nós os estaríamos compreendendo como comportamento humano. Em suma, os autores ressaltam que é tão natural compreendermos atributos não humanos como atributos humanos que temos dificuldade em perceber que tais caracterizações sejam de caráter metafórico.

De acordo com esses autores, Kövecses (2010) pondera que os seres humanos caracterizariam metaforicamente os animais em termos de atributos humanos para, em seguida, se compreenderem como animal. Diante de tal fato, Kövecses (2010) afirma que boa parte do comportamento humano parece ser compreendida na condição de comportamento animal, isto é, a partir da Metáfora Conceptual **COMPORTAMENTO HUMANO É COMPORTAMENTO ANIMAL**. Acrescenta ainda que não apenas o comportamento humano é compreendido em termos de comportamento animal como as pessoas são compreendidas em termos de animais.

Nesse sentido, o referido autor estima que o significado licenciado pelas metáforas **COMPORTAMENTO HUMANO É COMPORTAMENTO ANIMAL** e **SER HUMANO É ANIMAL** parece ser primordialmente ofensivo. Contudo, assinala que,

apesar de grande parte das metáforas animais mapearem características negativas dos seres humanos, algumas dentre elas não o fariam, a exemplo de MULHER SEXY É GATINHA.

Diante de tal constatação, Kövecses (2010) pleiteia a existência, em nosso sistema conceptual, de metáforas animais de nível genérico ou ainda da metáfora SER HUMANO É ANIMAL. Ou seja, as metáforas animais, segundo o autor em questão, seriam metáforas congruentes ou ainda um complexo de metáforas, dentre as quais, uma seria de nível genérico e as demais seriam de nível específico. Observa ainda que seria no âmbito das metáforas de nível específico que ocorreria variação de ordem cultural, já que a metáfora de nível genérico teria caráter primordialmente universal.

Interessante ressaltar a respeito do mapeamento de caráter negativo de ser humano em termos de animal que dados por nós coletados com base em aplicação de cinco questionários junto a 153 residentes em Fortaleza, por ocasião de nossa pesquisa de doutorado, revelam que: 60,0% dentre 30 sujeitos que responderam a perguntas do quarto questionário concordam com a representação do ser humano na condição de animal contra 30,0% que não concordam; 6,7% que disseram não saber; e, 3,3% que não responderam à pergunta.

No entanto, 43,3% desses mencionados 30 sujeitos não concordam com o fato de ele mesmo ser representado por algum animal contra 43,3% que concordam; 10% que não responderam à pergunta e 3,3% que disseram não saber. Percebemos, assim, que de acordo com os residentes em Fortaleza, as metáforas animais podem ou não ser avaliadas negativamente.

Nessa perspectiva, a discrepância nas respostas acima analisadas nos leva a inferir que tal tensão se baseia em metáforas animais específicas. Ou seja, se o resultado obtido com a primeira resposta nos induz à presunção de que os participantes pensaram em ser humano em termos de animal de modo genérico - SER HUMANO É ANIMAL - o segundo resultado nos leva a pensar que os participantes mapearam ser humano como um dado animal, bem avaliado ou não. Observamos ainda que os animais bem avaliados por tais sujeitos e, por isso, escolhidos majoritariamente para sua representação pessoal seriam borboletas, pássaros e felinos de grande porte.

Segundo tais sujeitos, as características positivas relacionadas a borboletas se deveriam em função do poder de metamorfose desse inseto; a pássaros, devido a um suposto caráter de liberdade associado à capacidade de voar; e a felinos de grande porte, devido a um suposto caráter de potência associado à capacidade em defender e proteger entes queridos, além da capacidade de lutar ferozmente pelo que quer.

Com base nos mesmos dados, podemos ainda ponderar que o animal mapeado nas Metáforas Conceptuais pode desempenhar vários papéis em uma dada comunidade. Dessa forma, uma dada metáfora animal poderia mapear características distintas ou até mesmo controversas. É o caso, por exemplo, do mapeamento homem em termos de cabra, encontrado em expressões regionais usadas, sobretudo no Nordeste do Brasil, que ora conceptualiza homem como perseverante e valoroso, ora como rude.

Por fim, ainda segundo Kövecses (2010), o domínio fonte animal é um domínio extremamente produtivo, tal qual assinalam dados coletados em dicionários especializados em metáforas e pesquisas realizadas por estudiosos da metáfora. Ademais, o autor chama atenção para o fato de que não apenas entendemos ser humano como situações ou coisas na condição de animal, a exemplo das seguintes expressões usadas em português do Brasil: uma festa animal; um carro animal, a vida voa, o tempo voa.

3 | A UNIVERSALIDADE NAS METÁFORAS CONCEPTUAIS

De acordo com Kövecses (2005), a TMC é abordada tanto por Lakoff e Johnson ([1980] 2002) como por Grady (1997) a partir, sobretudo das experiências corpóreas humanas mais básicas, a exemplo da metáfora primária, AFEIÇÃO É CALOR. Ou seja, não seria surpresa para ninguém que afeição esteja associada a calor e não a frio, já que a correlação entre as experiências de afeição e de calor se teria dado de forma inconsciente, remontando à nossa mais tenra idade quando éramos acolhidos junto ao corpo de alguém com a função de mãe. Em outras palavras, a TMC, ao contemplar a conceptualização de experiências humanas mais básicas, enfatiza, sobretudo, o caráter potencialmente universal das Metáforas Conceptuais.

Contudo, Kövecses (2005) pondera que se observarmos a relação entre metáforas e as línguas humanas, teremos a nítida impressão de que há quão grande número de Metáforas Conceptuais de caráter não universal quanto de caráter potencialmente universal. Assim, as Metáforas Conceptuais, na condição de recurso cognitivo sistemático responsável pela conceptualização humana de grande parte dos conceitos mais abstratos, variam igualmente de cultura para cultura, a exemplo da conceptualização de amor em termos de jornada, de unidade e de caça em culturas como a americana, húngara e chinesa, respectivamente. Por essa razão, Kövecses (2005) estima que as Metáforas Conceptuais teriam de ser compreendidas a partir da interconexão entre os níveis linguístico, conceptual, sociocultural, neural e corpóreo.

Por outro lado, pelo fato de os seres humanos apresentarem programa sensório-motor similar e o meio físico não diferir tanto de cultura para cultura, a maior parte das Metáforas Conceptuais existentes no sistema conceptual humano vem sendo majoritariamente abordadas de acordo com o seu caráter potencial universal. Tal visão ainda que problematizada, é considerada relevante segundo Kövecses (2005).

Dessa forma, em sua obra *Metaphor in Culture*, o autor discute resultados de duas pesquisas que foram realizados no domínio das emoções, particularmente de felicidade e de raiva. O conceito de felicidade foi examinado nas línguas chinesa, húngara e inglesa ao passo que o conceito de raiva foi investigado nas línguas chinesa, húngara, inglesa, japonesa, polonesa, wolof e zulu. Na primeira pesquisa fora encontrado um grande número de Metáforas Conceptuais mapeando o conceito de felicidade, dentre as quais FELICIDADE É PARA CIMA, que foi encontrada tanto

em língua inglesa como em língua chinesa e húngara.

Quanto ao conceito de raiva, os estudos realizados em língua inglesa, chinesa, japonesa, húngara, wolof e zulu encontraram a Metáfora Conceptual UMA PESSOA COM RAIVA É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO. Kövecses sumariza tais achados da seguinte forma:

Em todas essas línguas, a metáfora do RECIPIENTE foi identificada. Nela, o RECIPIENTE se encontra mapeado em termos de pressão devido à ação de calor ou de outros fatores. Tal metáfora apresenta as seguintes correspondências ou mapeamentos em termos de 'raiva':

O recipiente com algum tipo de substância ou objeto = a pessoa que está raivosa.

A substância ou objetos do recipiente = a raiva.

A pressão da substância ou objetos no recipiente = a força da pessoa raivosa.

A causa da pressão = a causa da força da raiva mantendo a substância ou objetos no recipiente = controle da raiva. A substância ou objetos saindo do recipiente = a expressão de raiva.

Dessa forma, argumento que esse mapeamento produz uma cena ou situação para 'raiva' na qual há uma força dentro das pessoas de sorte que tal força faz as pessoas agirem de maneira a se despressurizarem. A causa, a força e a estrutura da expressão forçada continua a ser um mistério e um acontecimento completamente aleatório na evocação da metáfora do RECIPIENTE PRESSURIZADO. Por outro lado, por meio de seu mapeamento detalhado, tal metáfora fornece uma estrutura coerente para os vários conceitos de 'raiva' em diferentes línguas. (2005, p. 39-40). (Tradução Nossa).

Tais estudos, ao evidenciarem o caráter potencialmente universal das Metáforas Conceptuais, particularmente das Metáforas Conceptuais de nível genérico, de acordo com Kövecses (2005), trouxeram contribuições relevantes para ratificar o potencial analítico da TMC. No entanto, ainda segundo o mesmo autor, as Metáforas Conceptuais foram aí estudadas com base, sobretudo, em experiências corpóreas universais, isto é, com base na relação entre as configurações do aparato sensorio-motor humano e a conceptualização de emoções como a de raiva e a de felicidade.

4 | AS METÁFORAS E A VARIAÇÃO CULTURAL

Para Kövecses (2009), os linguistas cognitivos tendem a se perguntar o que é metáfora e como ela funciona na mente. No entanto, os antropólogos, interessados em estudar as Metáforas Conceptuais, tendem a focar-se em qual é o tipo de papel da metáfora nos diferentes contextos socioculturais. Nesse sentido, o autor considera desafio tanto para os cientistas cognitivos como, mais especificamente, para os lingüistas cognitivos, o desenvolvimento de uma visão que compreenda a universalidade e a diversidade do pensamento metafórico. Ou seja, tais especialistas deveriam debruçar-se no que Gibbs (2008) assinala como o paradoxo da metáfora.

Nesse sentido, Kövecses (2009) sugere a necessidade de que se formule uma teoria cognitivo-cultural.

Para tanto, seria relevante examinar a variação das Metáforas Conceptuais tanto no âmbito de duas ou mais culturas como no âmbito de uma mesma cultura. No âmbito de duas ou mais culturas, haveria, dentre outras, variação encontrada em metáforas de nível específico em função de aspectos socioculturalmente situados, a exemplo da variação da Metáfora Conceptual UMA PESSOA COM RAIVA É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO nas culturas supracitadas.

Em outras palavras, no nível genérico, tal metáfora, conforme assinalado na seção anterior, apresentaria caráter potencialmente universal. No entanto, em nível específico, tal metáfora variaria em função dos diferentes preenchimentos culturais, a exemplo da variação em termos de tipo de recipiente pressurizado na língua japonesa e na língua zulu, tendo em vista que naquela, o recipiente pressurizado seria barriga ao passo que nesta, seria o coração.

Quanto à variação das Metáforas Conceptuais no âmbito de uma mesma cultura, em consonância com os postulados da Sociolinguística, da Sociologia e da Antropologia, segundo os quais as línguas não são monolíticas, as Metáforas Conceptuais variariam, igualmente, em dada comunidade, em termos sociais regionais, étnicos, históricos e individuais. Nesse sentido, Kövecses (2009) assinala que há evidência de variação de Metáforas Conceptuais licenciando diferentes expressões linguísticas em inglês, por exemplo, quando usadas por homens quando se dirigem às mulheres e vice-versa. Seriam expressões licenciadas por metáforas animais usadas tanto por homens ao tratarem as mulheres, por exemplo, de coelhinho [bunny]; gatinha [kitten]; passarinho [bird]; franguinha [chic] como por mulheres ao tratarem os homens, por exemplo, de urso [bear] e tigre [tiger].

Nesse sentido, consideramos a metáfora animal que licencia a expressão linguística cabra como exemplo de variação metafórica no âmbito de uma mesma cultura. Isso porque a conceptualização de homem em termos de cabra é particularmente encontrada no Nordeste do Brasil. Se de início tal conceptualização era associada aos membros da zona rural da região em questão, atualmente, ela se encontra presente na zona urbana. De acordo com o resultado de nossa pesquisa de doutorado, os estudantes da Universidade Federal do Ceará (UFC) ou da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) da cidade de Fortaleza aceitam que um homem seja compreendido em termos de cabra.

Segundo ainda os resultados dessa pesquisa, a metáfora animal que licencia a expressão linguística cabra mapearia os domínios conceptuais animal e ser humano em nível genérico, isto é, SER HUMANO É ANIMAL, e em nível específico, isto é, HOMEM MESTIÇO SERTANEJO É CABRA e HOMEM VIRIL VALENTE TRABALHADOR É CABRA, respectivamente. Essas metáforas específicas estariam sendo motivadas por determinados conhecimentos e normas culturais compartilhados entre os membros da cultura nordestina, tal qual nos informa Cascudo ao afirmar que:

Chamamos cabra ao filho do mulato com a negra e não é simpático ao folclore sertanejo. Não há doce ruim nem cabra bom. O tratamento de 'cabra' é insultoso. Ninguém gosta de ouvir o nome. [...]. Todas as estórias referentes aos 'cabras' são pejorativas e são eles entes malfejos, ingratos, traiçoeiros. (2009, p. 60)

Com base nessa afirmação, há evidência de que a metáfora específica **HOMEM MESTIÇO SERTANEJO É CABRA** estaria mapeando características negativas dos domínios conceptuais homem e cabra motivada por crença de que a mestiçagem é algo negativo. Observamos, particularmente, que o atributo mestiço é mapeado em termos de traição e de má índole. Há que se observar ainda que as etnias que dão origem ao cabra elencadas por Cascudo (2009) são, notoriamente, etnias desprestigiadas na cultura brasileira. Além disso, tal homem mestiço seria residente de uma das regiões mais pobres e desassistidas do Brasil: O Sertão Nordestino.

A visão acerca do caráter cultural e não apenas cognitivo das metáforas, sobretudo, das metáforas animais é igualmente advogada por Rodriguez (2009). Tal autora realizou estudo no qual analisou o papel de metáforas animais no licenciamento de expressões linguísticas referentes à condição feminina nas línguas espanhola e inglesa.

Sua tese é a de que as metáforas animais se constituem em recursos cognitivos que projetam experiências relativas à construção de identidades sociais e de gêneros. Ou ainda, mais particularmente, de que as metáforas animais motivam e formulam conceitos negativos a respeito da condição feminina. Dessa forma, Rodriguez (2009) conclui que tais metáforas seriam motivadas por crenças e valores de grupos sociais hegemônicos representados pelo macho branco e heterossexual.

Tal grupo, na condição de Self, se constituiria como cânone social em detrimento de determinados grupos de indivíduos, a exemplo das mulheres, que, na condição do Outro, contrariaria essa ordem canônica, passando a ser avaliados como inferiores ou marginais. Rodriguez (2009) afirma ainda que metáforas animais, ao apresentarem caráter sociocultural, projetam atitudes e crenças de determinadas comunidades em relação não apenas a determinados animais, mas em relação a determinados animais em termos de determinados grupos sociais.

Nesse sentido, a autora estima que a dimensão cultural das metáforas animais as torna importantes veículos para transmissão e perpetuação de crenças sociais a partir de determinadas práticas discursivas, a exemplo da transmissão e perpetuação da condição feminina em termos de objeto dos desejos sexuais do macho branco heterossexual nas comunidades de falantes de língua espanhola e inglesa. Em outras palavras, os usuários das línguas em questão transmitiriam e perpetuariam crenças sociais em relação aos grupos considerados marginais ou inferiores, no caso, as mulheres com base na conceptualização **PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS**.

Nessa perspectiva, consideramos que a metáfora animal cabra, particularmente a metáfora específica **HOMEM MESTIÇO SERTANEJO É CABRA**, seria motivada por atitudes e crenças da sociedade brasileira, principalmente, da sociedade nordestina,

em relação ao grupo social homem mestiço sertanejo.

Embora seja plausível afirmar que homem mestiço e sertanejo, na condição de grupo marginal e inferior, esteja sendo mapeado negativamente pela metáfora animal em questão, restaria a pergunta: Por que homem mestiço sertanejo está sendo mapeado em termos particularmente do animal cabra? Ou ainda, que tipo de norma cultural motivaria a metáfora conceptual de nível específico **HOMEM MESTIÇO SERTANEJO É CABRA?**

É interessante ressaltar a esse respeito que ao fazer referência à figura masculina como cabra, Cascudo (2009) também se reporta ao animal. Ao discorrer sobre a história desse animal, Cascudo (2009) nos informa que do convívio com tal animal teriam surgido histórias segundo as quais tanto o bode quanto a cabra desapareciam por uma hora durante o dia para ir ter com o coisa ruim. Nessa perspectiva, o autor avalia que:

Desta participação religiosa a cabra nunca se libertou. Não se aproximou de santo algum e não há lenda ou história em que figure como elemento favorável. Familiar, doméstica, da intimidade sertaneja, não inspira confiança integral ao povo. Em lenda alguma da literatura oral cristã comparece com a cabra num plano de boa educação ou afeto. Na etiologia de sua voz, há uma condenação popular que tivemos de Portugal: 'Cristo nasceu!' – cantou o galo. 'Onde' – muge o boi. 'Em Belém!', baliu a ovelha. 'Mentes, mentes' – resmungou a cabra, guardando até hoje a negativa gaguejada e pagã. (2009, p. 61)

Outro aspecto interessante diz respeito à crença a respeito dos perigos do leite de cabra. Segundo Cascudo (2009, p. 62), acreditava-se, sobretudo no Sertão do Nordeste, que o leite da cabra poderia transmitir “o caráter inquieto, buliçoso, arrebatado, da amamentadora. [Ou ainda de que] o menino, demasiado vivo, arteiro, endiabrado, tem a justificativa no leite da cabra”. Dessa forma, consideramos que há uma correlação de base cultural entre os domínios conceptuais homem e cabra, mais especificamente entre os atributos mestiço sertanejo malfejo, ingrato e traiçoeiro de homem e o atributo endiabrado e misterioso da cabra.

Por outro lado, embora Cascudo (2009) não aponte para nenhum tipo de aspecto positivo na compreensão do que seja um cabra, há evidências de que o conceito CABRA seria, igualmente, motivado por tais aspectos. Ou seja, o fato de a expressão linguística cabra também se referir a homem viril, valente, trabalhador até mesmo heróico se constitui em evidências de que tal expressão é também motivada por metáforas específicas que mapeiam características positivas da relação entre homem mestiço e cabra.

Nesse sentido, Freyre (2004) ao tratar da condição social e étnica do cabra, discorda do folclorista Rodrigues de Carvalho, por não aceitar que o caráter mestiço do cabra o faça ‘irrequieto, inconstante e nem sempre leal’. Por outro lado, Freyre (2004) não contesta o folclorista em questão quando este afirma que o cabra estar associado a grande número de história no qual é tratado na condição de herói e é reconhecido por sua coragem, seu poder de sedução, seu vigor sexual e suas vantagens físicas.

Seria de acordo com essa visão, ainda segundo Freyre (2004), que expressões como as que se seguem teriam sido cunhadas: ‘cabra danado’, ‘cabra escovado’, ‘cabra bom’ e ‘cabra de confiança’.

Além disso, para Freyre:

A história social do Nordeste da Cana-de-Açúcar está ligada, como talvez a de nenhuma outra região de Brasil, ao esforço do mestiço, ou antes, do cabra. Um esforço que se tem exercido debaixo de condições duramente desfavoráveis. Mas, mesmo assim, notável pelo que tem construído e realizado. (2004, p. 171).

Considerando que a história social do Nordeste da Cana-de-Açúcar remonta às origens da história do Brasil, já que o plantio da cana-de-açúcar no Nordeste data de meados do século XVI, seria plausível afirmar que o cabra teria sido um dos primeiros tipos originalmente brasileiros. Não é por acaso que Freyre (2004, p. 50) declara que “primeiro se fixaram e tomaram fisionomia brasileira os traços, os valores, as tradições portuguesas que, junto com as africanas e as indígenas, constituiriam aquele Brasil profundo, que hoje se sente ser os mais brasileiros”. Tais fatos nos fazem inferir que, para Freyre (2004), o lugar e o papel do cabra na história do Brasil devem ser considerados de forma valorosa.

Em suma, seria plausível considerar o fato de que a expressão linguística cabra é licenciada por metáfora de nível genérico SER HUMANO É ANIMAL e por metáforas de nível específico HOMEM MESTIÇO SERTANEJO É CABRA e HOMEM VIRIL VALENTE TRABALHADOR É CABRA. As metáforas específicas se encontrariam motivadas: ora por crenças segundo as quais a cabra seria um animal que teria parte com o diabo e que o seu leite poderia transmitir características diabólicas aos garotos que se alimentam dele, ora por crenças segundo as quais o cabra é genuinamente brasileiro/nordestino, teimoso, persistente e resistente, tendo em vista ser a cabra um animal que resiste às precárias condições de vida no Sertão nordestino.

5 Considerações finais

Kövecses (2009) pondera que muitos processos cognitivos operam na conceptualização metafórica de forma que não seria razoável tratar apenas da identificação da relação entre dois domínios conceptuais no mapeamento metafórico. Dessa forma, sugere que sejam investigados os diversos aspectos de variação metafórica para que se possa propor uma visão cognitivo-cultural da Metáfora Conceptual. Acrescenta ainda que tal visão se constituiria em uma complementação à visão experiencial postulada, de maneira majoritária, pelos estudiosos da Metáfora Conceptual.

Nesse sentido, estimamos que a discussão acerca da conceptualização de homem em termos de cabra por membros da comunidade de Fortaleza - Ceará poderá contribuir ainda que modestamente para que desenvolvamos uma visão cognitivo-cultural. Isso porque defendemos que a metáfora animal que licencia a expressão linguística cabra ora se constitui em exemplo de Metáforas Conceptuais potencialmente universal ao mapear em nível genérico os domínios conceptuais ser humano e animal,

ora apresenta caráter variacional ao mapear os domínios homem e cabra motivada por normas e conhecimentos culturais compartilhados entre os membros da cultura cearense, especialmente da comunidade fortalezense.

Em outras palavras, estimamos que Metáforas Conceptuais, a exemplo da metáfora animal aqui analisada no âmbito de uma mesma cultura, isto é, da comunidade dos falantes de língua portuguesa do Nordeste do Brasil, além de apresentarem aspectos potencialmente universais, podem variar em função de determinados entendimentos compartilhados por parte de determinados membros de uma comunidade, no caso a cultura nordestina, acerca do papel que um determinado animal, no caso a cabra, exerce em tal comunidade.

REFERÊNCIAS

CASCUDO, Luís Câmara. **Coisas que o povo diz**. 2. ed. São Paulo: Globo Editora, 2009. 1. ed., 1968.

CAVALCANTI, Fernanda C. **A análise da expressão convencional cabra sob a perspectiva da teoria dos modelos cognitivos idealizados**. 2014. 246p. Tese. (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. 7. ed. São Paulo: Global Editora, 2004. 1. ed, 1937.

GIBBS, Raymond. **Metaphor and thought: the state of the art**. In: GIBBS, Raymond. (Ed.). *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. New York: Cambridge University Press, 2008. p.3-13.

GIBBS, Raymond. The wonderful, chaotic, creative, heroic, challenging world of researching and apply metaphor. In: LOW, Graham et al. (Org.), **Researching and applying metaphor in the real world**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2010. p.1-18.

GRADY, Joseph. **Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes**. 1997. PhD Dissertation. Graduate Division, University of California, Berkeley, 1997.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor in culture: universality and variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KÖVECSES, Zoltán. Universalidade versus não universalidade metafórica. In: SIQUEIRA, Maity (Org.). **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 25, p.257-277, jul-dez. 2009.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor: a practical introduction**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: EDUC e Mercado das Letras, (1980), 2002.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool reason: a field guide to poetic metaphor**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

RODRIGUEZ, Irene Lopéz. **Women, biches, chickens and vixens: animal metaphors for women in English and Spanish**. Revista de Estudios Culturales de La Universitat Jaume I. v.VII. p. 77-10, 2009.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-281-4

